

A força das narrativas

Rogério L. Furquim Werneck*

O Planalto já não alimenta ilusões sobre a duração do clima de alarme que se instalou em Brasília. As coisas não se vão acalmar tão cedo. Entalado entre os desdobramentos das delações da Odebrecht, de um lado, e a incapacidade da PGR e do STF de dar vazão às dezenas de investigações e julgamentos de parlamentares e ministros com direito a foro privilegiado, de outro, o governo sabe o que o espera. Está fadado a atravessar 2017 – a melhor parte do que lhe resta de mandato – com o Congresso em ebulição e a base aliada em permanente sobressalto.

E é nesse clima que Temer terá de assegurar o avanço da pesada agenda que precisa tramitar no Congresso, a preservação do delicado círculo virtuoso de retomada da economia e, ainda, a construção de uma coalizão política promissora, em torno de um candidato que possa disputar com sucesso a eleição de 2018 e tornar crível a ideia de que o esforço de ajuste fiscal, de fato, terá continuidade no próximo mandato presidencial.

Não será fácil. É o mínimo que se pode dizer. E para alcançar todos esses objetivos em um ambiente tão adverso, o governo terá de manter um discurso coerente que dê sustentação à narrativa de que o plano de jogo contemplado pelo Planalto é viável. No duro embate de narrativas que será travado no País nos próximos meses, o governo terá de levar a melhor.

A influência das narrativas no desempenho da economia e nos desdobramentos do processo político tem sido amplamente reconhecida. Até mesmo pelos economistas. Foi esse o tópico do discurso que Robert Shiller, presidente da *American Economic Association*, proferiu na reunião anual da associação realizada em Chicago, em janeiro passado (o instigante artigo sobre economia das narrativas de Shiller – agraciado com o Prêmio Nobel, em 2013, por suas contribuições à análise empírica de preços de ativos – está disponível em <http://aida.wss.yale.edu/~shiller/>).

O presidente Temer parece ter plena consciência de quão importante tem sido para ele, até agora, a boa narrativa que se disseminou sobre sua condução da política econômica. Uma narrativa que leva em conta a montagem de uma equipe econômica de alto nível, sem as mazelas que afligem boa parte do resto do governo, o reconhecimento sem dissimulações das reais proporções do atoleiro em que o País foi metido, a opção por um programa de ajuste paulatino, distribuído ao longo de vários anos, com etapas claramente definidas, e os avanços convincentes nesse plano de jogo.

Mas, desde o fim do ano, na esteira da crescente apreensão do Congresso e do Planalto com a evolução da Lava Jato e operações similares, o sucesso dessa narrativa sobre a condução da política econômica vem sendo flagrantemente empanado pela progressiva deterioração das narrativas sobre a articulação política do governo.

Não há dúvida de que o quadro político com que se defronta Temer se tornou extremamente intrincado. É bem sabido que a coalizão que lhe dá apoio no Congresso não é propriamente formada por varões de Plutarco. Boa parte dela tem razões de sobra para se preocupar com a Lava Jato e tudo mais que vem por aí. Mas, para fazer avançar a pesada agenda que terá de aprovar no Congresso em 2017, Temer não pode abrir mão de seu apoio. Como o Planalto poderá manter o respaldo da problemática base aliada sem ficar malvisto?

Em meio a essa sinuca, Temer tem de tomar todo o cuidado para não dar alento a uma narrativa do tipo Dr. Jekyll e Mr. Hyde: o presidente que, de dia, mantém um discurso respeitável sobre a condução da política econômica passaria as noites em tenebrosa conspiração com lobões da base aliada para “estancar a sangria” da Lava Jato.

Manter o apoio da base aliada sem deixar que narrativas negativas como essa prosperem é o grande desafio com que se defronta Temer. A desastrosa perda de estribeiras que se permitiu o Ministro Moreira Franco, na longa entrevista que concedeu ao *Valor Econômico* (22/2), mostra que o Planalto vem enfrentando sérias dificuldades para lidar com esse desafio.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.